

UM JOGO CADA VEZ MAIS SUJO

**O PADRÃO FIFA DE FAZER NEGÓCIOS
E MANTER TUDO EM SILÊNCIO**

Andrew Jennings

Tradução

Renato Marques de Oliveira



© Andrew Jennings

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa e diagramação
Mario Kanegae

Diretora comercial
Patty Pachas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Impressão
Orgrafic

Assistentes editoriais
Lucas Santiago Vilela
Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Hellen Cristine Dias
Mario Kanegae

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Jennings, Andrew
Um jogo cada vez mais sujo / Andrew Jennings; tradução Renato
Marques de Oliveira. - 1. ed. - São Paulo: Panda Books, 2014. 240 pp.

Tradução de: Omertà

ISBN: 978-85-7888-354-6

1. Copa do Mundo (Futebol) - Aspectos políticos. 2. Futebol - Torneios -
Aspectos políticos. I. Título.

14-10773

CDD: 796.334
CDU: 796.332

2014

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Como sempre para os fãs... e para os ursinhos

*“Sweet songs never last too long on
broken radios”*

[Doces canções nunca duram muito tempo em
rádios quebrados]

John Prine, *Sam Stone*, 1971

Agora que este livro está concluído, vamos aguardar para ver se o FBI vai indiciar os principais membros da família Fifa-Blatter. As investigações do esquadrão do FBI contra o crime organizado, com sede em Nova York, começaram em 2010. Conheci a equipe em Londres, formada por agentes especiais e funcionários do Departamento de Justiça.

Em março de 2013, a Reuters informou que o filho de Jack Warner, Daryan, estava cooperando como testemunha, presumivelmente revelando as contas bancárias do papai nos paraísos fiscais. Foi dito também que havia evidências interessantes nos vídeos das câmeras de segurança do Casino Bellagio, em Las Vegas.

É provável que Chuck Blazer também esteja cooperando. O FBI e a Receita Federal tomaram conhecimento, no final do verão de 2011, de que Blazer mantinha seus esquemas de evasão fiscal através de bancos no Caribe. Mas quase três anos depois, ele ainda não foi indiciado.

Será que o Barrigão vai para a cadeia? Será que Warner, Blatter e os outros líderes da Fifa são células adjacentes?

Sumário

PRÓLOGO 7

Em Palermo – Aprendendo sobre a máfia

1. BEM-VINDOS AO RIO 9

A violência dos amigos de Havelange não tem fim

2. OS MELHORES AMIGOS 15

O chefão do crime e o chefão do futebol mundial

3. A MALETA ABARROTADA DE OURO 25

Por que ela fica tão pesada toda vez que Havelange vai embora de Zurique?

4. FINALMENTE! A LISTA SECRETA DAS PROPINAS 31

Como João e Ricardo ficaram ricos

5. SAQUEANDO O FUTEBOL BRASILEIRO 43

A fabricante de calçados esportivos favorita de Ricardo

6. APUNHALANDO MANDELA PELAS COSTAS 55

As propinas levaram a Copa do Mundo para a Alemanha

7. VOCÊ QUER COMPRAR INGRESSOS PARA A COPA DO MUNDO? 67

Os irmãos Byrom têm um monte deles

8. COMO BLATTER SE MANTÉM NO PODER 81

A compra de votos com o dinheiro da Fifa

9. O BARRIGÃO DEVORA A FIFA 97

O *Guia Michelin* de Blazer descreve o mundo

10. COMO O BARRIGÃO ESMAGOU WARNER 108

E depois foi pego por um jornalista “imprestável”

11. O JOGO DE DUAS METADES DE HILDBRAND 120

Investigando o Mestre das Propinas e o Homem da Mala

12. WEBER É INTOCÁVEL E NÃO PODE SER DEMITIDO! 125
Por que Blatter e Havelange precisam dele?

13. COMO OS PODEROSOS DA FIFA ESCAPARAM IMPUNES 137
Em segredo, eles confessam

14. BLATTER DÁ SUA PALAVRA DE HONRA, MAS CRUZA
OS DEDOS ATRÁS DAS COSTAS 140
Diz ele que quer publicar o relatório condenatório

15. HAVELANGE CHUTADO PARA FORA DO
COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL 149
O COI fez o que a Fifa jamais faria

16. MARIN APONTOU O DEDO DA MORTE PARA VLADO 156
Agora ele comanda o futebol brasileiro

17. BLATTER CONTRATA SEUS PRÓPRIOS INVESTIGADORES 172
Dinheiro graúdo a ser distribuído à vontade, e não é preciso ter
pressa para investigar nada

18. BLATTER REESCREVE SEU CÓDIGO DE ÉTICA 182
Agora ele nunca será pego!

19. BLATTER DESENTERRA OS CAIXÕES DA FAMÍLIA 192
Ele se recusa a ser enterrado perto de Hildbrand

20. O BANDO SE REÚNE EM SÃO PAULO 207
Do lado de fora, as vítimas furiosas

21. O RIO DE JANEIRO PAGOU PROPINA PARA
SEDIAR AS OLIMPÍADAS? 217
Tabu – jamais diga em voz alta a palavra iniciada com F

NOTA FINAL 236

AGRADECIMENTOS 237

PRÓLOGO

Em Palermo – Aprendendo sobre a máfia

Palermo, fevereiro de 1987. Estamos em um pomar de laranjeiras nos arredores da cidade, filmando um pequeno edifício industrial. Agora o lugar está deserto, mas até recentemente era uma fábrica de processamento de suco. De acordo com solicitações apresentadas junto ao departamento de subsídios da União Europeia, era a fábrica de suco mais movimentada do mundo.

A máfia costumava submeter gigantescos pedidos fraudulentos de subsídios para a produção de suco de laranja que jamais existiu. Os mafiosos subornavam e intimidavam funcionários para endossar os pedidos – e roubavam milhões de dólares. O esquema foi desbaratado, os bandidos escaparam. Mas aqui é a Sicília e eles estão por toda parte, de olho.

Um enorme sedã preto com vidros escuros passa por mim e minha equipe de filmagem e estaciona. De dentro do carro desce um homem corpulento que caminha na minha direção. Faz gestos por cima do ombro apontando para uma pessoa invisível, mas obviamente importante, atrás dos vidros escuros e anuncia rispidamente: “*Ele dizer vocês num filmare qui*” (“Ele está dizendo que vocês não podem filmar aqui”).

Finjo que não entendo, o que dá ao meu cinegrafista tempo para fazer mais algumas tomadas externas do edifício abandonado. No exato instante em que os olhos do sujeito começam a ficar arregalados de fúria, agarro a mão dele, aperto com firmeza, digo “*arrivederci*” e grito para a equipe: “Hora de ir embora!”

Não foi um bom dia. Mais cedo tínhamos ido até a cidadezinha de Altofonte, nas colinas acima de Palermo. Sabíamos que se tratava da terra natal de um chefe da máfia que agora era um dos cabeças da organização em Londres. As ruas eram estreitas, e o nosso carro alugado se espremia entre muros altos e brancos dos dois lados. Erramos o caminho, demos uma guinada à esquerda e entramos em outra viela estreita – e demos de cara com quatro cavalos pretos com plumas pretas na cabeça. Oh, não! Um funeral. Encontramos espaço suficiente para passar raspando pelos cavalos e o rabeção. Não ousamos encarar nenhum rosto na fileira de gente enlutada que caminhava atrás do carro fúnebre. Sem demora, encontramos outra estrada e saímos da cidade.

Na noite seguinte, fomos escoltados por policiais armados através dos corredores de concreto e espessas portas de aço à prova de explosões em um labirinto sob o Palácio da Justiça em Palermo. Por fim chegamos ao minúsculo gabinete do magistrado investigador Giovanni Falcone. Um homem jovial, cujas bem-sucedidas campanhas contra a máfia fizeram dele o principal alvo da Cosa Nostra, Falcone deixou de lado os relatórios de inteligência que estava analisando, tirou da gaveta uma garrafa de uísque escocês e nos brindou com informações sobre os criminosos que estávamos investigando.

Cinco anos depois, a máfia siciliana matou Falcone e sua esposa – a juíza Francesca Morvillo –, além de três agentes da sua escolta. O carro do magistrado foi desintegrado por uma carga de dinamite na autoestrada que ligava o aeroporto militar siciliano de Punta Raisi a Palermo. Próximo à cidade de Capaci, um comando militar mafioso havia enchido de explosivos um largo duto de escoamento de águas pluviais que passava debaixo do asfalto da pista de rolamento.

Concluí as minhas filmagens, revelando de que maneira a máfia lavava milhões de dólares provenientes da venda de heroína por meio de bancos em Londres, dinheiro que mais tarde voltava para a Itália. Depois eu quis saber mais sobre como a máfia funcionava. Estudei ensaios e li relatórios de policiais tarimbados e criminologistas experientes, examinando as definições e as estruturas dos Sindicatos do Crime Organizado. Isso se tornou uma preparação essencial para o trabalho de investigação das federações esportivas internacionais.

Vasculhei e bisbilhotei a Fifa na década de 1990 e a partir do final de 2000 comecei a concentrar as minhas investigações em torno de Joseph “Sepp” Blatter e João Havelange. Logo me dei conta de que estava de volta ao *éthos* sombrio da Sicília – mas transferido para outro continente. Voltei ainda mais no tempo, pesquisando e lendo, e cheguei ao Bangu de cinquenta anos atrás. Do mundo dos bicheiros eu viajei de volta à Europa e descobri malas secretas carregadas de lingotes de ouro arrebanhados em Zurique. Seguindo as barras de ouro, completei o círculo de volta a Copacabana, e agora... à Copa do Mundo de 2014.

Andrew Jennings
Cumbria, abril de 2014

1

BEM-VINDOS AO RIO

A violência dos amigos de Havelange não tem fim

8 de abril de 2010. Avenida das Américas, Rio de Janeiro. *Bum!* O Toyota Corolla é blindado para resistir a tiros de fuzil, mas a couraça extra de aço das portas não dá conta de proteger o motorista adolescente da bomba amarrada debaixo de seu banco. Tudo que os guarda-costas armados nos dois carros que vinham atrás podem fazer é lamentar a morte instantânea de Diogo Andrade, de 17 anos de idade. Talvez jamais consigam encontrar todos os pedaços de seu corpo.

Rogério, o pai do garoto, sentado no banco do passageiro, escapa com o nariz quebrado. Mais tarde, em uma cama do Hospital Barra d'Or, ele começa a tramar o seu plano de vingança. Ele sabe quem deu a ordem para o atentado à bomba. Como a sua equipe de segurança cometeu o vacilo de não ver o artefato?

Chocados, os motoristas engarrafados atrás dos destroços, ao longo do bulevar paralelo às praias reluzentes na Barra da Tijuca, saem de seus carros para observar o trabalho da polícia e dos paramédicos, que na claridade da ensolarada manhã usam luvas para recolher os pedaços chamuscados do rapaz espalhados pela calçada e na sarjeta. Embasbacadas e boquiabertas, as pessoas olham com espanto para o Corolla fumegante e outro veículo incendiado – também destruído pela explosão. São as guerras de quadrilhas em sua violenta disputa pelo milionário mercado do jogo ilegal. Será que nunca terão fim?

Primavera de 2010. Os empreiteiros e seus amigos poderosos estão extorquindo os contribuintes com planos extravagantes para reconstruir e remodelar o estádio Maracanã, reduzindo a capacidade das arquibancadas populares de modo a abrir espaço para uma fileira de camarotes que somente os *playboys* internacionais podem pagar.

Bem-vindo ao Rio de Janeiro, cidade em que os homens de colarinho branco, usando como armas advogados e políticos, estão travando uma batalha para se apoderar da riqueza que a Copa do Mundo e as Olimpíadas podem propiciar. A batalha bem visível – aquela da avenida das Américas – é mais um episódio

nas guerras por território em curso no Rio: as disputas de uma organização dividida em facções que rosnam e arreganham os dentes na tentativa de comandar os lucros da contravenção da cidade, a exploração do jogo do bicho, das máquinas caça-níqueis e do tráfico de cocaína.

Esqueça os traficantes pés de chinelo nas ladeiras das favelas com lindas vistas para o oceano, trocando tiros com a Polícia Federal e o Exército, os agentes da limpeza étnica preparando o terreno para a chegada das redes de hotéis. A terra é uma das mercadorias mais preciosas na cidade, e, se for preciso, vão derrubar casas com escavadeiras de terraplenagem – é isso que se faz para construir uma economia de primeiro mundo e esconder os lucros em bancos do Caribe.

Os assassinos no bulevar são membros de outra elite da cidade, duradoura e celebrada na mídia e no mundo dos esportes, protegida pela polícia e pelos políticos corruptos.

Os ecos da explosão ricocheteiam nos morros. Será que o Cristo Redentor, lá no alto do Corcovado, derrubou uma lágrima pelo rapaz morto? Descansando em seu elegante apartamento, João Havelange estremece. Essa violência vulgar é desnecessária. Ele não tinha feito tudo pela família Andrade? Não havia posto o poderoso chefe do Rio no comando da delegação da Seleção Brasileira? Não lhe dera prestígio no futebol? Não tentou impedir a ação da polícia antimáfia? Quando aquela maldita juíza se recusou a ser intimidada, não foi visitá-lo na cadeia?

Seu velho amigo Castor, tio-avô do jovem morto no ataque à bomba, tinha mantido a cidade em ordem. Número mínimo de assassinatos. Financiava o Carnaval para as massas cariocas. Ao mesmo tempo, o aristocrata Havelange estava aprendendo a receita de como criar uma organização global sem matar ninguém, sem precisar quebrar uma perna sequer. O combustível era o dinheiro, fornecido pelas marcas globais e pelas redes mundiais de televisão, todas competindo para abocanhar uma fatia da mercadoria que ele controlava.

Em outra parte da cidade, Romário está conversando com dirigentes do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Quer destronar Ricardo Teixeira, o longo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e sua súcia de conspiradores, que dominavam e se apropriavam dos recursos do esporte brasileiro havia décadas. Uma das maneiras seria concorrer a uma cadeira de deputado federal nas eleições para a Câmara dali a seis meses. Os políticos têm poder. E há a pequena Ivy, a filhinha de cinco anos de Romário, portadora da síndrome de Down. Romário descobriu e sentiu na pele quanto o Brasil cuida mal de seus deficientes. Ele passa alguns fins de semana jogando partidas beneficentes em cidadezinhas de todo o país para arrecadar recursos destinados a entidades

de apoio a pessoas com necessidades especiais, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae).

Os chefões da cartolagem brasileira dão risada. Romário? Ele não passa de mais um *playboy*, um ex-astro do futebol. Já pendurou as chuteiras. Seus dias de artilheiro chegaram ao fim. Que tipo de ameaça esse filho das favelas pode representar para eles, homens poderosos, ricos, e com um esquadrão de políticos obedientes em sua folha de pagamento?

Em São Paulo, José Maria Marin, um dos queridinhos da ditadura militar – ao lado de seu parceiro, o político Paulo Maluf –, é agora vice-presidente da CBF. Tudo bem, o povo há muito tempo se esqueceu de como Marin ajudou a dar sustentação política à ditadura e como um discurso dele foi decisivo para que o corajoso jornalista Vladimir Herzog fosse preso e torturado até a morte. E se Ricardo Teixeira tem de fugir abruptamente do país – no tradicional estilo latino-americano –, buscando refúgio em uma de suas lindas casas na Flórida, José Maria Marin o substituirá, encarregando-se de cuidar do pote de mel.

O estrondo da mortífera explosão na avenida das Américas não pode ser ouvido na longínqua Johannesburgo. Faltando oito semanas para o jogo de abertura no Soccer City, Sepp Blatter e seus *capos* sul-africanos já estão enfrentando problemas demais. Revoltados com os preços extorsivos dos ingressos, os torcedores e fãs de futebol vão ficar em casa. Nas cidades, os cidadãos protestam todos os dias; os motins mandam uma mensagem clara para os políticos: o dinheiro público deveria ser gasto na construção de casas, nas redes de abastecimento de água e estações de tratamento de esgoto e na criação de empregos, e não em estádios que se tornarão elefantes brancos. Por que os políticos lhes dariam ouvidos? Eles contam com a polícia para espancar os manifestantes.

A Copa do Mundo de 2010 é uma boa notícia para Danny Jordaan, dirigente da Federação de Futebol Sul-Africana e agora chefe executivo do Comitê Organizador Local (COL) do torneio. Na surdina, seu irmão Andrew ganhou de bandeja um emprego muito bem remunerado como agente de hospitalidade junto à MATCH Events Services no estádio de Port Elizabeth. Um dos acionistas da MATCH é Philippe Blatter, sobrinho de Sepp Blatter. Os sócios majoritários são os irmãos mexicanos Jaime e Enrique Byrom, baseados em Manchester, na Inglaterra, e em Zurique, na Suíça, com movimentação de contas bancárias na Espanha.

Os irmãos Byrom não estão felizes. Sepp Blatter agraciou-os com o lucrativo contrato de exclusividade na comercialização de pacotes de hospedagem para a Copa do Mundo, pacotes cujo alvo são os abastados “clientes” e endinheirados “consumidores” do futebol, na maioria estrangeiros. Como se isso

não bastasse, Blatter também lhes deu o contrato para gerenciar e distribuir os 3 milhões de ingressos. Os irmãos Byrom estão cobrando preços exorbitantes pelos hotéis e voos internos, e a essa altura esperavam ter lucros monumentais. Em vez disso, estão em via de amargar um prejuízo de 50 milhões de dólares. Planejam recuperar essas perdas na Copa do Mundo no Brasil, dali a quatro anos. Enquanto isso, estão sorratamente mexendo os pauzinhos e tomando providências para fornecer a Jack Warner, um dos vice-presidentes da Fifa, uma enxurrada de ingressos para serem vendidos no mercado negro, como fizeram na Alemanha em 2006.

Os advogados de Zurique receberam seus honorários. Em poucas semanas virá a público o anúncio de que está concluída a investigação criminal de altos dirigentes da Fifa, que receberam propinas da International Sports and Leisure (ISL) em troca de facilidades na obtenção de contratos de marketing. Os advogados conseguiram uma proeza e tanto; os nomes serão mantidos em sigilo para todo o sempre. Apenas uma ninharia do dinheiro será devolvida. Caso encerrado. Os dirigentes brasileiros estavam envolvidos? Sem comentários. E quanto ao senhor, presidente Blatter? Nada a declarar.

O presidente da Fifa andava preocupado, temeroso de que a polícia divulgasse a prova concreta de que em março de 1997 ele havia segurado em suas mãos uma ordem de pagamento de 1 milhão de francos suíços (cerca de 1,5 milhão de reais), a propina destinada a João Havelange. Alguém tinha dado com a língua nos dentes e fornecido a informação àquele maldito jornalista britânico. Se a história voltasse de novo à tona, ele contrataria seus próprios investigadores a fim de ser inocentado. Meses depois, naquele mesmo ano, um dos investigadores suíços levou o jornalista britânico para jantar em um restaurante com vista para um lago. “Não desista”, ele disse.

O presidente da Fifa está visivelmente deprimido. Será que seu reinado está chegando ao fim? Em fevereiro ele concede uma entrevista a uma repórter do jornal *Al-Ahram*, do Cairo. De repente, Sepp enceta uma grandiloquente lista de suas supostas realizações e conquistas. Parecia o seu obituário. Uma vez que a jornalista era uma árabe bem informada, Blatter não conseguiu se conter. “Sempre me dei muito bem com Mohamed, sempre fomos amigos, até o último congresso em maio”, diz Blatter. “De repente a nossa amizade se rompeu. Pergunte a ele: ‘Por quê?’. Eu não sei”.

Não é verdade. Sepp sabe, sim. Mohamed, a jornalista bem sabe, é Mohamed Bin Hammam, dirigente do Catar e presidente da Confederação Asiática de Futebol (Asian Football Confederation - AFC). Durante 12 anos ele forneceu o dinheiro para comprar os votos que mantiveram Blatter no trono de

presidente. Agora Bin Hammam quer o emprego para si mesmo. Ele é capaz de arrecadar mais dinheiro do que Sepp e vai vencer. A eleição seria realizada dali a um ano e, enquanto o coitado do Diogo foi pelos ares, Mohamed segue empilhando seus sacos de dinheiro e envelopes marrons. Sim, ele realmente guarda suas propinas em envelopes de papel marrons. Em 2011, alguém fotografaria um deles.

Os velhos gananciosos da Fifa não ouvem o estrondo da explosão. Eles só têm ouvidos para o farfalhar das verdinhas. Esse ano, 2010, será o ano mais rentável. Quatro meses depois da Copa do Mundo na África, eles decidirão que país realizará a Copa do Mundo de 2018. Temendo a possibilidade que talvez não vivam mais quatro anos, perdendo assim a chance de encher os bolsos com mais propinas durante o processo de escolha do país anfitrião da Copa do Mundo de 2022, os cartolas decidem que em dezembro de 2010 anunciarão de uma só vez as sedes das Copas de 2018 e 2022. Presentes de Natal em dobro.

Vamos dar uma olhada nos países concorrentes! Putin está doido para levar a Copa do Mundo para a Rússia. Os homens ricos do Catar, vestindo suas *jalabiyas* – típicas túnicas longas brancas ou em cor pastel –, também querem o torneio. Duas das nações mais ricas do mundo em petrodólares estão implorando. Uau! Que alegria! Ricardo Teixeira passou o ano todo com um sorriso estampado no rosto. Do outro lado da fronteira, em Assunção, capital do Paraguai, Nicolás Leoz, presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol (Confederación Sudamericana de Fútbol – Conmebol), sente cheiro de dinheiro – e mais. Ele coexistiu tranquilamente com Alfredo Stroessner, e há uma eternidade vem usando o futebol como fonte de propinas. Ele ainda não sabe, mas seus hábitos vorazes serão tema de um programa da televisão britânica dali a sete meses.

O nigeriano Amos Adamu é membro do Comitê Executivo da Fifa – que conta com 24 integrantes – há quatro anos. Passou com facilidade no teste para fazer parte do órgão executivo responsável por tomar as principais decisões na entidade: pegou cada centavo que pôde do esporte na Nigéria. Até hoje ainda não entregou as contas dos Jogos Pan-Africanos de 2003, realizados em Abuja. Enquanto as coisas estão boas, e a dinheirama corre solta, seu filho Samson espera receber uma fatia do bolo.

No norte do continente, no Cairo, o camaronês Issa Hayatou, presidente da Confederação Africana de Futebol (Confédération Africaine de Football – CAF), não está ficando mais pobre. Meses depois a BBC identificou um pagamento de propina feito a ele. Há muitos e muitos dirigentes que suscitam

dúvidas e suspeitas, mas é difícil obter provas. Outro dos que estão sempre em evidência é o tailandês Worawi Makudi, também membro do Comitê Executivo da Fifa. As acusações de corrupção e irregularidades em sua gestão à frente da Associação Tailandesa de Futebol se acumulam: Worawi rebate e se safá, seus colegas da Fifa se calam e o protegem.

Seis meses antes, João Havelange, o mais antigo membro do Comitê Olímpico Internacional (COI), liderou a delegação brasileira que foi a Copenhague apresentar a candidatura do Rio de Janeiro a sede das Olimpíadas de 2016. O evento não custaria caro, porque apenas dois anos antes a cidade fora sede dos Jogos Pan-Americanos e as instalações esportivas precisavam apenas de uma demão de tinta e estariam prontas para as competições.

Nominalmente, o líder da candidatura carioca era Carlos Nuzman, membro do COI e presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), mas Havelange estava acompanhado de Jean-Marie Weber, o “Homem da Mala”, o gerente de marketing da ISL que distribuiu 100 milhões de dólares a dirigentes esportivos – incluindo Havelange – no século passado. O presidente Obama discursou em nome de Chicago. Weber falou com seus velhos amigos do COI – e deu no que deu.

Uma saraivada de tiros de fuzil atingiu o sargento do Corpo de Bombeiros Antônio Carlos Macedo enquanto pilotava sua Harley-Davidson pelas ruas do Rio. Ele atuava como chefe da segurança do próprio Rogério Andrade e foi executado no final de 2010, um mês antes do anúncio das sedes das Copas de 2018 e 2022. Rogério tinha concluído que Macedo fora o responsável por plantar a bomba que explodira seu filho. A família Andrade vinha se matando desde que o bicheiro Castor de Andrade, o patriarca do clã e amigo de Havelange, morrera depois de um infarto em 1997. Paulinho de Andrade, filho e herdeiro direto do império de negócios ilegais de Castor, foi assassinado em 1998, supostamente por Rogério. Diversos outros bandidos foram eliminados, mas é improvável que a cidade volte a ser estável como antes, no tempo em que Castor mandava.